



## “MULHER NO VOLANTE, PERIGO CONSTANTE”: PROBLEMATIZAÇÕES A PARTIR DE TEXTOS HUMORÍSTICOS

Lucas Alves Lima Barbosa<sup>1</sup>  
Fabio Pinto Gonçalves dos Reis<sup>2</sup>

### Resumo

Esse texto pretende desconstruir e problematizar os sentidos e significados culturais que historicamente têm sido atribuídos às mulheres no trânsito de veículos. Para essa análise foram utilizados artefatos culturais advindos do meio humorístico que se constitui em um terreno fértil para a propagação de anedotas que centralizam a questão da “mulher ruim de volante”. Com a finalidade de discutir esses textos culturais e oferece-los a relevância necessária, no sentido de democratizar as relações de gênero no trânsito, utilizamos as metodologias de análises pós-críticas e cartográficas. Constatamos que esses artefatos culturais contribuem efetivamente para a efetivação dos processos de construção de “verdades” sobre as mulheres no trânsito, uma vez que pela chancela do humor “tudo pode”.

**Palavras-chave:** Relações de gênero. Trânsito. Desconstrução.

### Textos humorísticos como artefatos e representações culturais problematizáveis e cartografáveis

O presente trabalho tenciona e cartografa as formas pelas quais as identidades de gênero têm sido representadas e fixadas por intermédio de textos culturais do campo humorístico, compreendendo esses artefatos na esfera da pluridiscursividade, das interações entre saber-poder-verdade e da produção de significados sobre mulheres e homens no tocante ao trânsito e às relações estabelecidas nesse espaço.


Esses textos, dotados de uma capacidade notável de produzir de fato aquilo que a princípio apenas enunciam, podem ser compreendidos como instrumentos de poder que subjetivam e agem sobre todas/os nós, naturalizando e cristalizando determinadas diferenças.

A partir do material apresentado, buscamos identificar elementos para uma reflexão acerca do modo como temos nos constituído enquanto mulheres e homens na sociedade contemporânea. Cabe ressaltar que nos pautamos, muitas vezes, em instruções ou normas

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Lavras, professor da rede pública de ensino de Minas Gerais, lucaslima\_62@hotmail.com

<sup>2</sup> Professor adjunto IV na Universidade Federal de Lavras, fabioreis@def.ufla.br





naturalizadas em “perfis-referência” de condutas e comportamentos presentes em textos humorísticos de vários tipos.

Como caminhos metodológicos que subsidiam essa discussão, elencamos duas contribuições principais. Em primeiro lugar, Paraíso (2014) quando traz algumas estratégias fundamentais utilizadas na produção do conhecimento científico e que devem ser exercitadas pelas/os pesquisadoras/res no intuito de auxiliar e encorajar aquelas/es que tem se (des)encontrado nas perspectivas pós-críticas. Em segundo lugar destacamos a cartografia, método de pesquisa fundamentado nas ideias de Gilles Deleuze e Félix Guattari (apud PARAÍSO, 2014), muito utilizado nos estudos relacionados à subjetividade. Nela a complexidade das relações e dos processos de subjetivação encontra um desejável e necessário amparo metodológico. De acordo com Romagnoli (2009, p. 169) a cartografia de Deleuze e Guattari se constitui em uma ferramenta de investigação exatamente para abarcar a “complexidade, zona de indeterminação que a acompanha, colocando problemas, investigando o coletivo de forças em cada situação, esforçando-se para não se curvar aos dogmas reducionistas”.

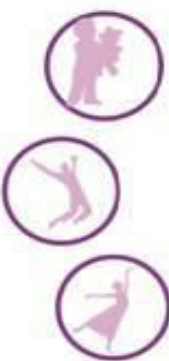
### **“Mulher no volante, perigo constante”: a necessidade de desconstrução**

Na aventura de buscar em textos humorísticos as representações femininas e masculinas passíveis de desconstrução, a questão da mulher como sendo pouco dotada de habilidades racionais para dirigir foi algo que adquiriu destaque. São muitos os espaços onde essa ideia se faz presente e as mulheres sentem “na pele” tal preconceito cotidianamente. Precisamos pensar sobre isso na tentativa de desconstruir essa noção machista que reserva unicamente aos sujeitos do sexo masculino o direito de ser um bom condutor. Souza (2010, p. 09) nos ajuda substancialmente a pensar nas raízes desta situação:

A discriminação da mulher no trânsito reporta à distinção historicamente construída que submete a mulher ao espaço da casa, do lar, cumprindo seu papel reprodutor e destina o homem ao mundo público, a rua, cumprindo o papel de provedor. Embora a forma de apropriação do espaço pela mulher venha se modificando através dos tempos, o discurso social que rege as condutas de gênero continua propagando relações hegemônicas de poder, dizendo que “lugar de mulher é na cozinha, pilotando fogão”.

Precisamos pensar nas implicações que enunciações e atitudes preconceituosas têm exercido sobre a subjetividade das pessoas. No caso, estariam as mulheres saindo indiferentes ou intocadas diante de situações nas quais se veem menosprezadas quanto às suas habilidades para dirigir? Possivelmente, como tudo que nos rodeia nos compõe e constrói “verdades” sobre as/os outras/os e sobre nós mesmas/os, é possível que as mulheres estejam vendo a si






próprias como menos capazes ao cristalizar essa “verdade” nas amálgamas que compõe suas subjetividades. Vamos observar esta tirinha:

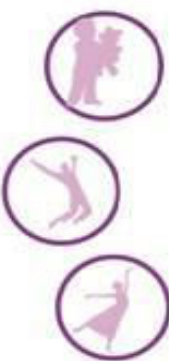


Fonte: <http://www.piadas.com.br/blogs/brunabianca/piada-desejo-ser-boa-motorista>

Aqui a mulher deseja inteligência, lógica e ser uma ótima motorista. Para conquistar esses desejáveis predicados a única solução é transformar-se em um homem. E é isso que a fonte dos desejos faz. Entendemos que as características mencionadas simplesmente não podem existir em uma mulher, e a transformação acontece. Este texto humorístico é carregado de valores e, ao mesmo tempo, atua chancelando modos de conduta femininos e masculinos. Em conjunto com ele existem outras e inúmeras representações do “ser mulher” e do “ser homem” que, em conjunto, exercem um engenhoso e complexo trabalho no sentido de inserir em nossos corpos significados e “verdades” sobre nós mesmas/os e sobre as pessoas com as quais nos relacionamos de maneira direta ou indireta.

O trânsito é, lamentavelmente, apenas um dentre os incontáveis espaços onde violências e preconceitos de gênero acontecem. As mulheres sofrem preconceito no trânsito e são vítimas de um histórico processo de discriminação e desrespeito. Supostamente elas não teriam as mesmas habilidades racionais e técnicas que os homens possuem para conduzir, haja vista que seu espaço é o doméstico. Acumulam-se as anedotas que reforçam esse estigma e sempre tem alguém com uma piada pronta para satirizar uma mulher que, por alguma razão, cometeu algum erro no volante. Quando um homem por acaso comete algum erro as coisas se processam de maneira completamente diferente. Possivelmente o motorista deve ter feito de tudo para evitar. Quando se trata de uma mulher comumente surge alguém dizendo em alto e



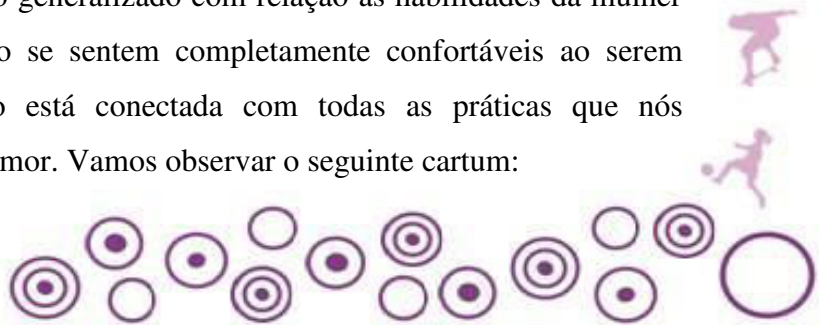


bom tom: “tinha que ser mulher mesmo”. Voltemos aos escritos de Souza (2010, p. 4-5) que nos ajudam a vislumbrar os efeitos de tudo isso sobre as mulheres, especificamente:

Na pergunta seguinte foi solicitado que as mulheres relatassem como se sentem quando sofrem preconceito no trânsito. As respostas foram diversificadas, expressando diferentes sentimentos e emoções: “Acho desagradável”; “Fico chateada”; “Sinto-me inferiorizada”; “Fico irritada”; “Fico com raiva”; “Sinto-me péssima”; “Sinto-me impotente”; “Sinto-me totalmente exposta”; “Sinto-me diminuída”; “Não gosto”; “Fico indignada”; “Sinto-me acuada”; “Sinto-me agredida e humilhada”; “Fico constrangida”; “Sinto-me injustiçada”; “Revoltada”; “Triste”; “Nervosa”; “Reprimida”. Algumas mulheres, inclusive, manifestaram que sentem medo de dirigir por conta deste comportamento preconceituoso que vivenciam no trânsito.

Isto é violência. E como tal deve ser combatida por todas e todos nós. A incidência de piadas que circulam dentre nós e que focalizam a “mulher ruim de volante” é imensa e acaba por criar fatos que performativamente entendemos como naturalmente verdadeiros. Em Judith Butler (2003), com destaque para o conceito de performatividade, é possível encontrarmos contribuições riquíssimas para tal discussão. A performatividade é compreendida como sendo um fenômeno enunciativo no qual os discursos passam a possuir competência suficiente para produzir de fato as coisas que aparentemente apenas citam. Enunciados meramente descritivos passam a ser performativos a partir do momento em que possuem citacionalidade, isto é, quando passam a ser reiteradamente repetidos. De acordo com Butler (2003, p. 167), a performatividade “não é, assim, um ato singular, pois ela é sempre uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas [...]. Na teoria do ato da fala um ato performativo é aquela prática discursiva que efetua ou produz aquilo que ela nomeia”. Em outras palavras, a partir da propagação de sentidos é possível que o fato enunciado se torne real, ou seja, algo de concreto se cria a partir desse processo. E quem seria mais ideal do que a mídia, em todas as suas instâncias, para agir diretamente nessa propagação e repetição de sentidos e enunciados? É possível compreendermos os artefatos culturais que estamos problematizando a partir da noção de enunciado performativo, haja vista que eles são amplamente difundidos e midiaticamente repetíveis. Deste modo eles têm o potencial, para além de apenas descrever jeitos de “ser mulher” e jeitos de “ser homem”, de fabricar verdades sobre as pessoas e chancelar pautas identitárias.

Constatamos pouco por aí a presença de mulheres motoristas de ônibus, caminhoneiras ou taxistas na mesma proporção em que vemos homens atuando nesses seguimentos. Existe em nossa cultura machista um descrédito generalizado com relação às habilidades da mulher para dirigir. Parece que as pessoas não se sentem completamente confortáveis ao serem conduzidas por mulheres. Tal questão está conectada com todas as práticas que nós executamos ou reproduzimos, como o humor. Vamos observar o seguinte cartum:






Fonte: <http://humortadela.bol.uol.com.br/charges/32365>

Seria fruto do destino ou do acaso o fato de vermos tão poucas mulheres trabalhando no ramo do transporte? Nesse cartum o carro já está todo comprometido e o homem solicita à mulher para ter cuidado, pois ele ainda não teria feito o seguro. Uma pergunta fica “no ar”: Quem detonou o carro? Ela? Ele? Ambos? A partir de uma leitura machista da realidade somos condicionadas/os a pensar que foi ela. Mas, se foi ela, por qual motivo ele estaria pedindo cuidado somente agora, quando o carro já se encontra quase que completamente danificado? Será que toda vez que ela sai no carro ele solicita cuidado? Seria a primeira vez que ela estaria saindo? Será que eles já compraram o carro nesta situação? São muitas as possibilidades. O mais importante, no entanto, é não nos limitarmos à simples constatação simplista da realidade de que foi ela a autora do estrago.

Se foi ele, ocorrência que não podemos descartar, será que ela solicitava cuidado ao vê-lo sair? Caso tenha sido ele, possivelmente ele não se enxerga como um motorista despreparado, já que pede a ela mais atenção. Assim, curiosamente o problema estaria nela, mesmo sendo ele o mau motorista da história, se for o caso. Mas ele se desobriga de pensar dessa forma ao julgá-la como uma má condutora, mesmo já tendo acabado com o carro. Não se trata aqui de dizer que seriam os homens menos preparados para dirigir do que as mulheres. Dessa maneira estaríamos apenas invertendo uma polarização e criando possivelmente novas formas de segregação. O que estamos fazendo é pensar a partir de outros vieses algumas questões que estão postas como naturais, fugindo de dicotomias.



Eliza Tebaldi e Vinícius Ferreira (2004) realizaram um estudo muito interessante que objetivou discutir a questão da agressividade e da violência no trânsito, e que corrobora com a discussão aqui realizada. Em alguns momentos a questão do gênero apareceu no trabalho e vale a pena visitar as ponderações feitas por ela e ele. Os homens se revelaram mais agressivos e imprudentes no volante do que as mulheres. São eles, de acordo com os estudos aqui mencionados, que dirigem alcoolizados com mais frequência e que desrespeitam mais vezes os limites de velocidade. Não objetivando inverter uma dicotomia, devemos pensar melhor nos critérios que estamos utilizando para julgar as pessoas com relação às práticas no volante. Com a palavra, Tebaldi e Ferreira (2004, p. 21):

O homem sempre foi visto como o responsável pela proteção da sua espécie e chefe de família, porém a mulher vem ocupando mais espaço na sociedade. Isto não deixa de ser diferente no trânsito, mas o homem continua discriminando-a muito. No questionário aplicado, verificou-se que a maioria dos homens respondentes considerou a mulher uma péssima motorista, que faz “tudo errado”, que atrapalha, e observo que colocam muitos defeitos no que ela faz, na execução de ultrapassagens, na hora de estacionar, na noção de espaço. No entanto, o homem impondo altas velocidades ou ingerindo bebidas alcoólicas diminui a capacidade de reação frente aos obstáculos, representando um risco real de se envolver em acidentes ou de provocá-los. Essas atitudes representam um péssimo motorista.

O que faz de alguém uma ou um péssima/o motorista é a imprudência e o desrespeito, não o gênero. É importante que nos esforcemos no sentido de colocar em questão esse estereótipo que cotidianamente segrega mulheres no trânsito, reinventando, assim, novos modos de ser para além das pautas que já estão postas.

### **Considerações finais**

Pelo viés do humor, como vimos, têm sido possível potencializar discursivamente noções que, de certa forma, atuam continuamente fixando posturas a serem exercitadas por mulheres e homens. O humor, particularmente, se constitui como um terreno bastante fértil para a efetivação desses processos de construção de “verdades” sobre as pessoas, haja vista que pela chancela da brincadeira - no humor pode tudo, aparentemente. Muitas vezes deixamos de pensar seriamente e cuidadosamente nas consequências dessas representações humorísticas acerca da mulher no volante.

Esperamos que esse texto possa contribuir para produzir novas inquietações que incidam cada vez mais contra os binarismos de gênero, tendo em vista que eles se pautam em critérios de diferenciação completamente questionáveis e arbitrários. Assim, acabam contradizendo o que somos, isto é, seres que transitam e se constroem indefinidamente em múltiplos processos, (re)significando muitas vezes a própria existência.





## Referências bibliográficas

- BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PARAÍSO, M. A. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.
- ROMAGNOLI, R. C. A cartografia e a relação pesquisa e vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, n. 2, p. 166-173, 2009.
- SOUZA, M. A. Discutindo a relação gênero/trânsito na escola. **Rev. Triang.: Ensino, Pesquisa e Extensão**, Uberaba, v. 3, n. 1, p. 3-13, jan./jun. 2010.
- TEBALDI, E.; FERREIRA, V. R. T. Comportamentos no trânsito e causas da agressividade. **Revista de Psicologia da UnC**, v. 2, n. 1, p. 15-22, 2004.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira  
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

